

MICHEL ZÉRAFFA — **Romance e Sociedade**, Lisboa, Estúdios Cor, 1974, 203 pp.

Os trabalhos de Georges Lukacs, Lucien Goldmann, Pierre Macherey, Robert Escarpit, dentre outros, têm provocado o interesse dos estudiosos para o campo da sociologia da literatura, ora num sentido de situá-la num contexto social, ora para a área de aspectos internos, ora para estabelecer um confronto entre a obra literária e a sociedade. Neste último caráter, embora irradie para os outros, insere-se o presente estudo de Michel Zérafra, *Romance e Sociedade*.

Inicialmente, é preciso que se diga que o autor revela intensa leitura e reflexão sobre autores ligados à sociologia do romance, como Adorno, Auerbach, Macherey, ou relacionados com o mito e o romance, caso de René Girard e Claude Lévi-Strauss ou ainda aos aspectos sociológicos do romance, como Alain, Barthes, Bataille, Butor, Eco e outros. Percorre ainda Michel Zérafra, embora a “voil d’oiseau”, expressivas figuras do romance ocidental, tais como Kafka, Joyce, Dostoiewski, Balzac, Proust, Flaubert, Stendhal, ou da narrativa em geral, como Miguel de Cervantes.

O A. parte da idéia (até certo ponto óbvia) de que a sociologia do romance é a de uma arte mas depois se justifica, porque tentará mostrar que se o romance no início se revela preocupado ou mesmo engajado no social, gradativamente vai ganhando o “status” de estético, quer dizer, começa a abandonar a referencialidade ao nível da sociedade para caminhar para o campo da instituição da linguagem, com todas as características das atuais funções que hoje preenche, especialmente a poética.

As idéias de Georges Lukacs também aparecem como suporte para a interpretação da problemática em torno do romance e da literatura, especialmente na aceitação de que em tal narrativa revela-se a personagem problemática, cujos ideais se chocam contra a limitada perspectiva oferecida pela sociedade que a cerca. Assim, a análise proposta por Michel Zérafra centra-se nesse conflito entre os valores de vida do ser, num plano de ideais e as barreiras estabelecidas pelos

preconceitos da sociedade, gerando-se um conflito de grande alcance que é o da liberdade.

Ainda mais, além da preocupação com o fato de o romance ir adquirindo “status” estético, Zérafra centra seu estudo na passagem do romance de dimensões sociais (estilo Balzac, da *Comédia Humana*) àquele de alcance psicológico (o de Joyce, Kafka, Thomas Mann, dentre outros) passando naturalmente por Stendhal.

No romance tradicional ou no moderno, assinala-se de forma diferente a personagem vivendo num mundo problemático, na feliz concepção de Lukacs em sua *Teoria do Romance*.

Michel Zérafra defende a idéia de que o romance tradicional, de perspectiva social, ressentia-se de profundidade, porque a personagem era um tipo que se encontrava aos milhares, no espaço do romance, que é a sociedade. Já o romance moderno (com e depois de Proust) apresenta personagens que são verdadeiros caracteres, vistos num plano vertical, com problemas específicos, especiais, que são diferentes dos encontrados na “massa”. Quer dizer, elas se constituem em elementos diferenciados, autônomos, cuja problemática supera de longe a dimensão puramente social.

O A. defende ainda a idéia de que o histórico e o social estão sempre presentes no romance, seja no tradicional seja no moderno (aspecto inevitável, na medida em que a personagem vive sob o signo do tempo, conforme assinala Nelly Cormeau, em *Physiologie du Roman*) mas num caso eles são essenciais e imprescindíveis (no tradicional) e noutro (no moderno) constituem elementos acessórios.

À página 19, lê-se

“O histórico e o social têm tanta realidade em *A Comédia Humana* como no *Tempo Perdido*, mas são verdade fundamental para Balzac, ao passo que Proust os apresenta como puras e secundárias aparências.”

No tópico dedicado ao estudo da sociedade como modelo e depois como antimodelo, o A. com muita percuciência assinala que inicialmente o romance se preocupou com os fenômenos sociais e históricos mas que começa a recusá-los no momento que adquiriu o “status” de arte. Assim, está claro que o romance tradicional na medida em que se preocupava com aspectos sociais e históricos, permanecia num estágio que se não se poderia chamar de inferior seria pelo menos primário e que somente com a recusa da personagem a um enquadramento num sistema é que, de um lado, surge o romance de

alcance individual e psicológico (com Kafka, Joyce, Proust) de outro, que apenas tais obras mantêm-se num "status" de arte. Assim, o romance moderno surge da ruptura com a limitação que a sociedade impunha à personagem feita à sua imagem e semelhança; no rompimento que os costumes convencionais ao extremo, com os tabus e os preconceitos, surge o herói moderno (que pode ser o anti-herói), problemático, paradoxal, disponível, gratuito, com pouca ou muita dose de absurdo (existencialista ou não).

Finalmente o romance é visto no plano da produção e da instituição da linguagem, depois das conquistas da crítica formalista e da atividade estruturalista.

Ao fim e ao cabo, o presente trabalho de Michel Zéaffa, enfatizando a relação entre o romance e a sociedade, estudando a sua evolução através das fases de dimensão social, estética e de produção de linguagem, se constitui em obra importantíssima na linha da sociologia do romance em que até agora, dentre outros, se destacaram Lucien Goldmann, Robert Escarpit, Pierre Macherey e Georges Lukacs, revelando-se de capital importância para os especialistas em Teoria da Literatura.

JOÃO DÉCIO